



Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Faculdade de Educação  
Licenciatura em Pedagogia

**Stephany Cruz dos Santos**

CONHECIMENTO E EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DE  
ENSINO MÉDIO SOBRE A UNIVERSIDADE: um estudo de caso em  
uma escola estadual no Rio de Janeiro

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosana Heringer

Rio de Janeiro

2018



**Stephany Cruz dos Santos**

**CONHECIMENTO E EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DE  
ENSINO MÉDIO SOBRE A UNIVERSIDADE: um estudo de caso em  
uma escola estadual no Rio de Janeiro**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ  
como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Rosana Heringer**

**Rio de Janeiro**

**2018**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Faculdade de Educação  
Licenciatura em Pedagogia

CONHECIMENTO E EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DE  
ENSINO MÉDIO SOBRE A UNIVERSIDADE: um estudo de caso em  
uma escola estadual no Rio de Janeiro

Stephany Cruz dos Santos

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como  
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosana Heringer (UFRJ)

---

Professor convidado: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Honorato (UFRJ)

---

Professor convidado: Doutoranda Greysy Kelly Araújo de Souza (PPGE/UFRJ)

Rio de Janeiro  
2018

*Dedico este trabalho aos meus pais que, mesmo quando o barco parecia afundar, navegaram e remaram comigo até aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi tarefa fácil, por vezes tive que passar por desafios, barreiras e obstáculos que pareciam insuperáveis. Não foi fácil construir esse trabalho. Por esse motivo, não há como deixar começar essa sessão agradecendo a Deus pela experiência que me concedeu durante toda a trajetória. Agradecer a Ele que foi meu ouvinte em todos os dias de cansaço e desespero, a Ele que me acolheu em sua infinita bondade, a Ele que me conduziu mesmo quando minhas pernas eram fracas demais para prosseguir na caminhada sozinha. Agradecer a Deus que foi, não só durante essa trajetória, mas em toda minha vida meu suporte, meu refúgio e minha fortaleza. Obrigada, meu amigo! Obrigada por me amar e me conceder alegrias mesmo no momento em que eu não merecia.

Agradeço aos meus pais que sempre priorizaram meus estudos, que compraram a ideia do meu sonho e abraçaram como se fosse deles. E de fato é. A minha mãe por sua paciência infinita, seu colo acolhedor e seus cuidados incansáveis. A mulher que lutou de todas as formas para que eu tivesse na vida aquilo que ela nunca pode ter. A mulher que me aconselhou durante toda essa caminhada e acreditou sempre que eu era capaz de alcançar mesmo os objetivos mais difíceis. Ao meu pai que não mediu esforços para me ver indo bem nessa jornada. Ao homem que sempre foi exemplo de coerência e responsabilidade, ao homem que não me deixou esmorecer, que foi duro comigo em muitos momentos e hoje eu enxergo que foi tudo para o meu bem.

Ao meu irmão Rodrigo que mesmo ao modo dele está presente na minha vida, torce por mim, acredita no meu futuro, sente orgulho e me encoraja em cada passo que dou. Ao meu irmão Rafael que, mesmo não estando mais nesse plano, sei que torce e vibra com minhas vitórias de onde quer que esteja. Aos meus familiares que depositaram toda sua confiança em mim, meu muito obrigada. Vocês fizeram com que eu me sentisse gigante.

Ao meu namorado Breno que suportou os dias mais difíceis, que me ajudou a segurar as barras por vezes muito pesadas. Que aguentou todas as minhas crises durante a construção deste trabalho e que acreditou no meu potencial e me jogou pra cima todas as vezes que eu mencionei desistir. Obrigada por nunca ter me deixado esquecer a minha coragem.

Agradeço aos meus amigos que me apoiaram em todos os momentos, que sonharam esse sonho comigo e que vibraram com cada vitória. Agradeço especialmente a Paula Fliess, Jéssica Santos e Thaís Melo que caminham comigo desde o Ensino Médio e não deixaram de torcer e de me apoiar em nenhum momento. Agradeço a Daiane Agostini, Gabriela Mattos, Raiane Paixão, Jéssica Alves e a Paula Ribeiro que foram os presentes que a UFRJ me

concedeu e que dividiram comigo toda essa trajetória de sorrisos e lágrimas. A Kissya Matos que por muitas vezes foi meu ponto de equilíbrio e me lembrou sempre da força que eu possuo dentro de mim. Eu amo cada uma de vocês.

Agradeço a todo grupo PET/Conexões de Saberes – Identidades, que foi o grupo que me abraçou como uma família e me permitiu começar a pensar sobre a construção do presente trabalho. Com vocês eu sorri, chorei, cresci enquanto profissional e ser humano e aprendi que o importante mesmo são os laços que a gente constrói no decorrer da caminhada. Obrigada a cada um de vocês pela parceria de sempre. Esse trabalho é uma vitória nossa.

Agradeço a Prof<sup>a</sup>. Warley da Costa que foi quem deu junto comigo o pontapé inicial deste trabalho. Foi quem me olhou com o coração, enquanto na academia todos olham para gente com pressa demais. Obrigada por enxergar em mim um ser humano além de todo conhecimento acadêmico. Obrigada por toda sensibilidade, apoio e amizade. Não há dúvida de que todos os alunos que tiverem a chance de passar por você serão privilegiados. Você é e sempre será minha orientadora.

Obrigada a Prof<sup>a</sup>. Rosana Heringer que aceitou de braços abertos a missão de me orientar mesmo com um prazo tão curto, mesmo em meio a muitas adversidades. Esse trabalho não seria possível sem sua dedicação e empenho em concluir essa missão comigo.

Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O lugar que de início me despertou tanto estranhamento, mas que depois eu abracei como minha casa. Nessa universidade eu vivi os momentos mais desafiadores e felizes da vida. Foi aqui que me construí enquanto profissional e, acima de tudo, enquanto ser humano que acredita na educação, que acredita no futuro e que tem vontade de trabalhar todos os dias para que pessoas como eu tenham chance de ocupar cada vez mais esse espaço.

## RESUMO

SANTOS, Stephany Cruz dos. **CONHECIMENTO E EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO SOBRE A UNIVERSIDADE:** um estudo de caso em uma escola estadual no Rio de Janeiro. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O presente trabalho surgiu a partir de uma pesquisa realizada em uma escola estadual no bairro de São Cristóvão através de participação no grupo PET/Conexões de Saberes – Identidades da UFRJ. Durante a análise dos dados dessa pesquisa notou-se que 91,7% dos entrevistados queriam cursar universidade, porém apenas 63,5% conheciam as formas de acesso e permanência frente a esse espaço. A partir desses dados surgiu a necessidade de pesquisar, no presente trabalho, de forma mais aprofundada sobre o tema e entender como os estudantes do Ensino Médio estão enxergando a faculdade. Para tanto, foi utilizado como campo de pesquisa 158 alunos em seis turmas do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola localizada no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Como metodologia foram aplicados questionários para identificar o perfil dos alunos, suas expectativas para o futuro e suas visões sobre universidade. Para a análise dos dados utilizou-se como teóricos principais Pierre Bourdieu com o conceito de herança cultural, Alain Coulon com o conceito de afiliação, Jailson com o conceito de pertencimento e Heringer com a pesquisa sobre expectativas de acesso ao ensino superior realizada na Cidade de Deus. Com a análise dos dados percebeu-se que 108 alunos do universo da pesquisa explicitaram o desejo de ir para universidade, porém 71 desses alunos não acreditam que a só a escola seja suficiente para que atinjam o objetivo de ir para universidade. Apesar de reconhecer a escola como insuficiente para alcançar seus projetos de futuro, 107 alunos declaram não estar cursando ou nunca ter cursado pré-vestibular. Nesse sentido, foi evidenciada uma problemática, pois a maioria dos estudantes quer ir para universidade, porém encontram em seu caminho questões que os distanciam desse projeto de futuro. Dessa forma, cabe ressaltar relevância do trabalho de modo que o tema possa ser discutido e aprofundado pela comunidade acadêmica, para que o problema seja evidenciado e possam ser buscadas soluções tanto no campo educacional quanto no campo das políticas públicas.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I.....	13
Perfil dos estudantes .....	13
CAPÍTULO II.....	18
Expectativa dos jovens após o Ensino Médio e a relação com a escola .....	18
Capítulo III .....	24
Expectativa dos jovens em relação à universidade .....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33
ANEXO .....	35
Anexo I .....	35



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir da oficina realizada pelo grupo PET/Conexões de Saberes – Identidades da UFRJ em uma escola do bairro São Cristóvão no Rio de Janeiro. Participei como bolsista deste grupo no período de 2015 a 2017. O grupo teve a coordenação da Prof. Warley da Costa, da Faculdade de Educação da UFRJ. Nesta oficina foram coletados 85 questionários com 20 questões que tinham uma abordagem socioeconômica, escolar e relativa à imersão no mercado de trabalho. Durante a análise dos dados obtidos notou-se que 91,7% dos entrevistados queriam cursar universidade, porém apenas 63,5% conheciam as formas de acesso e permanência frente a esse espaço.

Os dados coletados nesta experiência trouxeram para mim alguns questionamentos que me intrigaram, pois neles havia um desencontro de informações. Desse modo, surgiram algumas dúvidas: se o aluno quer ir para universidade e não conhece as formas de acesso e permanência, como vai conseguir ingressar? Será que essa é uma realidade presente nessa escola ou abrange os alunos de outras escolas públicas também? A escola, ou as escolas, promovem alguma atividade que incentive os alunos a buscar informações? Qual seria a fonte de informação consultada pelos 63% dos alunos da escola que afirmam conhecerem as formas de acesso? Considerando que a maioria quase absoluta, 91%, quer ingressar na Universidade, qual seria a imagem que esses estudantes têm dessas instituições públicas?

Considerando esses dados e as dúvidas que foram suscitadas em mim, surgiu a motivação de partir para esse estudo monográfico. Além disso, existe a empatia com o tema, uma vez que eu sou estudante de origem popular e, por muitas vezes, presenciei esse desencontro de informações. Agora, estando no ensino superior e em contato com diversas teorias, consigo entender melhor o processo pelo qual passei para chegar até aqui.

Quando falo do processo pelo qual passei, me refiro ao processo de escolarização vivenciado pelos estudantes. Muitos deles acreditam que todo esse processo culminará no nível superior, que é o lugar que pode abrir portas para novas possibilidades e onde há mais chances de ascensão profissional. Porém, o sistema educacional brasileiro é estratificado e as oportunidades não são distribuídas de forma igual, de modo que não garante que todos os estudantes, especificamente os de origem popular, atinjam essa tão sonhada e planejada posição.

Hoje podemos encontrar um maior número de alunos oriundos do meio popular na universidade. Tais medidas ainda não abrangem a toda população, mas já mudaram a face da universidade que antes era vista como um lugar que apenas a elite frequentava. Entretanto,

mesmo com essas políticas, ainda podemos encontrar desigualdade no sistema educacional partindo da educação básica até o ensino superior.

Um dos principais caminhos para a ampliação da presença de estudantes de origem popular nas universidades públicas foi através da implementação de políticas de ação afirmativa para o acesso ao ensino superior. Como afirma Moehlecke (2002), o termo Ações Afirmativas pode ser definido como um processo de medidas compensatórias que visa fazer com que espaços ocupados por mecanismos meritocráticos deixem de ser espaços destinados a grupos privilegiados e passem a ser ocupados por toda a população. Por vezes, no Brasil, esse termo é associado apenas à reserva de vagas para negros. Tal associação é feita de forma errada, uma vez que as Ações Afirmativas estão voltadas a atender os diferentes grupos discriminados socialmente.

Com as políticas de Ações Afirmativas a universidade foi aberta para um novo público. Antes a universidade era ocupada principalmente por pessoas que pertenciam a classes mais elevadas, porém com as políticas de ações afirmativas, visando a ampliação do acesso e permanência no ensino superior, os estudantes de origem popular começaram a entrar em maior número nesse espaço. Principalmente a partir da Lei 12.711, de 2012, conhecida como Lei de Cotas, os estudantes das escolas públicas, negros, indígenas e estudantes oriundos dos meios populares estão agora ocupando, em maior número, um espaço que antes era quase que exclusivamente frequentado por brancos e pessoas pertencentes às classes mais favorecidas. Essa é uma forma de democratização do ensino, porém ainda há muito o que resolver.

Dessa forma, o que analisamos, na pesquisa em tela, é como os jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual no Rio de Janeiro enxergam a universidade, levando em conta todos os fatores que enfatizam a desigualdade. Buscamos analisar como o jovem enxerga as possibilidades de entrar na universidade, qual seu sentimento de pertencimento em relação à mesma e quais mecanismos têm em mente para contornar os problemas apontados, visando conseguir alcançar seus objetivos. Buscamos entender quais são as expectativas dos jovens frente a universidade. Estas são questões instigantes e ainda pouco estudadas, que justificam a presente pesquisa.

Partindo disso, o referente estudo é relevante para a educação, uma vez que as questões aqui apresentadas suscitam a necessidade de produções e de pesquisas que trabalhem diretamente com o pertencimento e a apropriação do jovem de origem popular para com a universidade.

Em meio ao debate até aqui fomentado, posso trazer a seguinte questão como problema central deste estudo: Como os jovens de origem popular enxergam a universidade e como se posicionam quando o assunto é colocar ou não esse espaço em seu projeto de futuro?

Como desdobramento desse problema central, outras questões emergem: Os alunos da rede pública sentem a universidade como um espaço deles?; Os alunos da rede pública confiam na escola como fator que impulsiona seu projeto de futuro?; Por que há um número reduzido de alunos egressos da escola pública com acesso à universidade pública?; Se conhecem as formas de acesso e permanência, por que muitos se inscrevem direto para as universidades privadas?; Se desejam entrar na universidade, por que os alunos de origem popular ainda estão em menor número nas universidades?

Como podemos observar, as ações afirmativas surgiram como um direito, no intuito de fechar lacunas que estavam expostas, porém sua implantação ainda se dá de forma lenta e não é uma garantia de que os alunos de origem popular conseguirão atingir em maior número o ensino superior. Como exemplo disso, podemos notar a dificuldade em conhecer os meios de acesso e permanência por parte dos estudantes secundaristas, o que foi evidenciado no resultado da pesquisa que motivou esse estudo monográfico. Segundo Marilena Chauí em seu texto *A universidade pública sob nova perspectiva*:

A baixa qualidade do ensino público nos graus fundamental e médio tem encaminhado os filhos das classes mais ricas para as escolas privadas e, com o preparo que ali recebem, são eles que irão concorrer em melhores condições às universidades públicas, cujo nível e cuja qualidade são superiores aos das universidades privadas.” (CHAUÍ, 2003: p. 13.)

Desse modo ainda há uma divergência entre a escola pública e universidade, uma vez que a mesma não prepara de forma igual os alunos que ali estão para acessar o ensino superior. Além disso, existem outros fatores que são necessários levar em consideração para analisar esse déficit. Segundo Bourdieu (2008) os alunos das classes mais favorecidas herdaram de seus pais elementos que os ajudam a atingir o “sucesso” escolar de modo que os professores os enxergam de forma diferente e contribuem para que esse aluno trilhe um caminho diferente para chegar aonde outros alunos, com trajetórias diferentes não chegarão.

Existem ainda outros fatores que distanciam os alunos de origem popular do processo de entrada na universidade, muitos deles acabam desistindo do processo ainda na escola. Segundo Zluhan e Raitz (2014) alguns fatores agem diretamente nessa evasão: inserção ou não no mercado de trabalho, conflitos familiares, impacto das tecnologias na vida dos jovens, violências presentes no cotidiano e ansiedade/medo do futuro.

Além disso, existe ainda a questão do sentimento de pertencimento. Jovens de origem popular em geral possuem menor influência no meio familiar e social sobre possíveis vivências em relação ao ingresso no ensino superior, quando comparados a jovens de situação econômica mais elevada. A universidade não é o único caminho para a ascensão profissional, mas a convivência desde cedo com universitários na família influenciará na escolha dos caminhos futuros do jovem de camadas médias e altas. O sentimento de pertencimento influencia esse jovem nas suas relações. Utilizo aqui o sentimento de pertencimento segundo Jailson de Souza e Silva (2003):

Defino a noção de pertencimento como o processo de incorporação e exteriorização de um sistema de atitudes que levam à constituição da identidade do agente e se materializa na posição em que se situa, em determinados campos sociais. (SILVA, 2003: p. 136)

Com base nos argumentos desses autores, podemos observar que, apesar das políticas de ações afirmativas existirem e serem de grande ajuda para a mudança, em parte, da face da universidade, ainda existem muitos outros problemas que precisam ser analisados e estudados. Só as ações afirmativas trabalhando sozinhas ainda não são a solução para todo o problema. Ainda existem problemas latentes e lacunas a serem fechadas. Dessa forma, vale analisar de que forma esses problemas atingem os alunos oriundos das classes populares e como os mesmos se comportam frente a isso.

Para tanto, decidimos neste estudo monográfico selecionar como campo de pesquisa seis turmas de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do turno da manhã de uma escola pública estadual localizada no bairro da Tijuca. O universo da pesquisa compreende um total de 158 alunos. Adotamos como procedimento metodológico a aplicação de questionários (ver modelo no Anexo I) a fim de traçar o perfil de cada aluno, apresentando questões que giraram em torno de fatores socioeconômicos, familiares e residenciais. O primeiro bloco de questões buscou traçar o perfil sócio econômico do público da pesquisa; o segundo bloco, perceber se havia alguma influência de pais ou amigos caso houvesse uma suposta aproximação do estudante com a universidade; já o terceiro bloco de questões teve a finalidade de perceber a visão e os desejos desses estudantes frente à universidade pública. Tal metodologia visou compreender e ajudar a discutir de forma mais clara as questões que emergiram a partir do problema central.

Os questionários utilizados no presente estudo monográfico foram aplicados no final de 2017. Após aplicação, os dados foram tabulados em Excel e foram analisados para este trabalho, levando em conta as questões iniciais da pesquisa.

Para tanto, desenvolveu-se uma estrutura na qual o trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo buscamos trabalhar a análise do perfil do universo da pesquisa traçando o mapeamento de questões referentes a idade, cor, sexo, bairro onde mora, se esse aluno tem acesso a internet e por qual dispositivo acessa, escolaridade dos pais e se a trajetória escolar se deu em escola pública ou escola particular.

No segundo capítulo encontra-se a análise das expectativas dos jovens após o Ensino Médio. Nesse capítulo buscamos analisar os desejos explicitados pelos jovens nos questionários, suas aspirações para o futuro, os caminhos que esse jovem percorre para atingir esses objetivos e se esse jovem acredita na escola como caminho possível para atingir o projeto de futuro traçado.

No terceiro capítulo buscamos analisar as visões que os estudantes entrevistados têm sobre a universidade pública, a fim entender se eles se imaginam ou não nesse espaço e como se imaginam. Vale ressaltar que em todos os capítulos realizamos análises e discussões tomando como base a bibliografia referente ao tema.

## CAPÍTULO I

### Perfil dos estudantes

A primeira impressão que tive ao entrar na escola foi de um espaço organizado e que proporciona a interação entre os alunos. Logo na entrada vi o pátio que possui mesas e cadeiras de concreto fixas. Lá muitos alunos estavam sentados conversando, interagindo, se abraçando, rindo e tomando aquele espaço e criando significados para eles.

Meu segundo lugar de visita foi a sala dos professores. Lá fiquei alguns minutos até que pudesse acompanhar a professora até a sala de aula. Nesse tempo, pude observar que os alunos transitavam naquele espaço sem que houvesse restrições. Vez ou outra algum aluno entrava se dirigia a algum professor, resolvia o que era necessário e se retirava. Diferente das experiências que já havia presenciado tanto como aluna quanto como estagiária em espaços escolares, pude observar que não havia uma visão daquele espaço pelos professores como sendo apenas de circulação apenas deles. A impressão que ficou para mim foi de que a sala dos professores está disponível para alunos sem que haja barreiras invisíveis que afastem esses alunos da sala e até mesmo dos próprios professores.

Segui para a sala de aula acompanhada da professora que, enquanto subia as escadas, tirava dúvida de alunos sobre notas, avaliações de trabalhos e prazos para entrega. Subimos até o terceiro andar. A arquitetura não deixa dúvida de que aquele lugar é uma escola: salas uma ao lado da outra, portas fechadas, grades nas janelas e paredes das mesmas cores apagadas e simples. Nas paredes alguns cartazes, produzidos por gráfica, que alertam para a importância de se atentar e respeitar as diferenças. Havia poucas produções dos alunos, os materiais produzidos em gráfica tomavam mais espaço.

Nas salas de aula os alunos abordaram a professora a qual eu acompanhava, já pedindo notas. Era uma semana atípica: os alunos haviam acabado de fazer uma avaliação que faria parte das notas do bimestre e estavam eufóricos para receber suas notas. Logo pude reviver o sentimento de estar naquele lugar de euforia, expectativa e apreensão. Acabei, por um instante, virando parte dos alunos e sentindo parte do que eles estavam sentindo.

Em algumas das turmas houve apresentação de trabalhos. Não havia um padrão para apresentar os trabalhos, como por exemplo, todo grupo disposto à frente da turma expondo o conteúdo. Cada grupo fazia a sua maneira. Uns preferiam se levantar, outros preferiam ficar sentados em roda, outros apresentavam o trabalho sentados em cima das mesas. Apesar de existir uma arrumação na sala de aula com mesas e cadeiras organizadas em fileiras indicando

um padrão, os alunos, junto com a professora, ressignificaram o espaço e construíram as posições e as ações de acordo com o que desejavam.

Em todas as turmas fui recebida de forma positiva. Nenhum dos alunos presentes se recusou a responder o questionário. Cada um ficou bem atento a minha explicação e quando mencionei que esse era um trabalho final da faculdade, grande parte começou a fazer perguntas: “Mas onde é o seu campus?”, “Foi muito difícil entrar lá?”, “Qual foi a nota de corte para o seu curso?”, “Cada matéria possui qual peso?”, entre outras. Eu havia criado uma expectativa do que iria encontrar lá. Devido a experiências anteriores, eu não esperava que os alunos fossem dispor de todas essas questões relacionadas aos mecanismos de acesso à universidade. Diferente da minha experiência enquanto estudante secundarista, esses alunos possuem muito mais informações.

Nesse ponto gostaria de salientar a importância do olhar atento dos pesquisadores e da necessidade de estar aberto e flexível para receber novas informações e saber lidar com cada uma delas, explorando o campo e retirando dali o que precisa ser pesquisado mesmo que não esteja dentro do roteiro.

Outro aspecto que me chamou atenção foi a expectativa que os alunos detêm sobre a universidade. Grande parte dos alunos que tive a oportunidade de conversar apontou a universidade como um lugar melhor que a escola e como peça chave para o crescimento profissional. O que me pareceu é que a universidade, para esses alunos, é uma fase desejada e muito esperada e que a escola surge como uma ponte para que cheguem até lá, mesmo que alguns alunos julguem a escola como peça insuficiente para atingir o objetivo.

Desse modo, não levamos em conta só os dados obtidos com os questionários, mas também o espaço, os alunos, o uso que esses alunos fazem do espaço, as relações que eles estabelecem e o perfil de cada um. É necessário analisar cada ponto para então interpretar e entender a totalidade.

Dayrell (1996), ao falar de escola como espaço sócio cultural, afirma que:

Analisar a escola como espaço sócio cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (idem, p. 1).

Nesse sentido, cabe analisar a escola partindo de todas as suas especificidades, de todos os diferentes sujeitos que atuam, participam, interagem entre si e com o espaço e modificam de acordo com suas necessidades e características coletivas e individuais.

Os alunos são os agentes que compõem esse espaço em maior número esse espaço. Se ao falarmos do espaço escolar, nos deparamos com várias nuances, ao falarmos de juventude também podemos encontrar várias diferenças. Dayrell (2009) nos apresenta o conceito de *juventudes*, uma vez que o meio social, a classe social, os valores, as crenças, o lugar de onde se fala todos influenciam na construção da juventude. Desse modo, podemos encontrar vários tipos de jovens, com várias diferenças mesmo tendo a mesma faixa de idade.

Para esse estudo, analisamos as características dos jovens que compõem o universo da pesquisa para termos noção de qual tipo de juventude estamos nos referindo. Como já mencionado anteriormente, o universo da pesquisa compreende um total de 158 entrevistados. Vale ressaltar que este capítulo refere-se às questões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10 e 11 do questionário.

Enquanto estive realizando a pesquisa, ouvi relatos por partes dos professores sobre a escola ter a tradição de ser bem vista pelos responsáveis e, por esse motivo, as vagas disponíveis na escola serem muito disputadas. Ouvi relatos de épocas em que alguns responsáveis dormiam muitas noites na fila devido à quantidade de pessoas em busca de uma vaga para matrícula. Tais relatos se destacaram quando analisamos os locais de moradias dos alunos, já que os entrevistados estão distribuídos em diferentes bairros do Rio de Janeiro. Ao todo foram 42 bairros diferentes que surgiram nas respostas. 131 alunos disseram morar em algum bairro da Zona Norte, 6 alunos disseram morar em algum bairro da Zona Oeste, 16 alunos disseram morar em algum bairro da Zona Central, 1 declarou morar na Zona Sul e 4 não declararam o local de moradia.

Os jovens entrevistados estão na faixa etária que compreende a idade entre 16 e 21 anos, sendo a maioria com idade entre 17 e 18 anos. Apenas 2 alunos declararam ter 16 anos, 69 alunos disseram ter 17 anos, 68 alunos disseram ter 18 anos, 15 disseram ter 19 anos, 2 disseram ter 20 anos e 2 disseram ter 21 anos. Com esses dados podemos concluir que o universo da pesquisa está matriculado no tempo escolar correto. Há a necessidade de ressaltar que esses alunos frequentam a escola no turno da manhã e essa é uma característica desse turno, uma vez que o turno da manhã atende em maior número alunos que não trabalham e não precisaram por algum motivo interromper sua trajetória escolar.

O universo da pesquisa é composto majoritariamente por mulheres. São 102 mulheres, 54 homens, 1 se declarou indefinido e 1 se declarou “binário”. Esses dados vão ao encontro dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), de 2014, realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que apontou as mulheres como maioria tanto na Educação Básica como no Ensino Superior.



No que diz respeito à cor dos estudantes, a maioria se declarou preto e pardo, surgindo entre eles as definições como “moreninho”, “da cor do pecado”, “marrom bombom”, entre outras. 38 se declararam negros, 58 se declararam brancos, 58 se declararam pardos, 1 se declarou indígena, 1 se declarou amarelo e 2 não declararam.

Outro fator importante a ser levado em consideração na referente pesquisa é a escolaridade dos pais. Quando perguntados sobre a escolaridade da mãe, 30 alunos disseram que as mães possuem Ensino Superior completo. Quando perguntados da escolaridade do pai, 17 alunos disseram que os pais possuem Ensino Superior completo. No que diz respeito ao Ensino Médio, 52 declararam que as mães possuem Ensino Médio completo e 54 declararam que os pais possuem Ensino Médio completo. 19 disseram que as mães possuem Ensino Fundamental completo e 22 disseram que os pais possuem Ensino Fundamental completo. O Ensino Fundamental incompleto também apareceu nas respostas dos alunos. 30 alunos declararam que as mães não concluíram o Ensino Fundamental e 24 declaram que os pais não concluíram o Ensino Fundamental. 26 alunos não declararam a escolaridade da mãe, enquanto 41 não declaram a escolaridade do pai por não saber ou não conviver com o mesmo.

Os alunos entrevistados majoritariamente estudaram sempre em escola pública. Os dados apontam que 87 alunos sempre estiveram frequentando instituições públicas de ensino, 54 alunos estudaram por um determinado tempo em instituições privadas e 17 alunos estudaram por um tempo em instituição privada, porém com bolsa integral ou parcial. Dessa forma, podemos perceber que poucos alunos frequentaram instituições privadas e a maioria fez sua trajetória escolar toda em instituição pública.

Quando perguntados sobre o tempo e por qual dispositivo usam a internet, 70 alunos declararam usar a internet o tempo todo, sendo que 118 alunos declararam acessar a internet através de aparelho celular. Esses dados evidenciam o quão os jovens, como grande parte da população, estão imersos na tecnologia. Nesse sentido, cabe fazer uma análise de como essa tecnologia influencia na escola e no seu papel. Não há como negar que atualmente a vida está acontecendo na internet na maior parte do tempo. É lá que os jovens encontram os amigos, lá que conversam, interagem com quem está próximo e com quem está longe. Diante disso, a escola acaba perdendo sua centralidade, o professor deixa de ser o detentor de todo saber, deixa de ser a pessoa que está sendo vista por todos como o que mais sabe naquele ambiente. O professor perde essa imagem porque diante da internet todas as informações estão ao alcance de todos.

Ao falar sobre o impacto da internet na vida dos jovens, Zluhan e Raitz (2014) afirmam que:

Outro fator importante na configuração da cultura juvenil e de sua adesão ao projeto escolar trata-se do impacto das tecnologias, já que a internet, as redes sociais, os telefones celulares, a TV, entre outros, ocupam um lugar central no cotidiano de seus usuários. O mundo virtual desencadeou uma série de modificações na vida do jovem, no que tange as suas relações, no contato com as informações, na forma de aprender, de produzir significados e conhecimentos. Diante dessa nova configuração juvenil, se está distante de respostas definitivas sobre o impacto das tecnologias virtuais no desenvolvimento humano, requerendo a tarefa de interpretação do que se sucede, de modo a permitir uma avaliação desse processo (idem, p. 9).

A grande questão é: qual uso que o aluno faz dessa internet e de que forma a escola se aproveita dessa tecnologia e praticidade atual? Os alunos têm ao seu alcance a chance de tirar dúvidas sobre vestibular, ENEM e SISU, por exemplo, fazendo uma rápida busca. Porém, apesar de parecer que esse aluno está a um clique da informação, existe ainda uma série de fatores que o distanciam da busca por esse conhecimento. A dúvida não surge do nada. Para que seja despertada é necessário que haja um incentivo para tal. Nesse momento é que a escola aparece como fator determinante para que as mídias eletrônicas sejam utilizadas em favor do conhecimento a qual se busca na escola.

Como já dito anteriormente, quando falamos de jovens, falamos de juventudes. Nesse estudo estamos falando de uma juventude que está no concluindo o Ensino Médio e que, segundo Dayrell (2009), podem estar vivendo um momento do “vir a ser”, onde todas as expectativas depositadas nesses jovens estão projetadas no futuro. Desse modo, o jovem acaba sendo visto como algo que não está pronto, está vivendo em um momento em que tudo que se é no presente momento é negado pelos adultos. Como se todas as conquistas, o sucesso e a vida ainda estivessem para acontecer.

O que pude perceber é que esses jovens são sujeitos ativos que possuem vontade, desejos, interesses, perspectivas. Jovens que atuam o tempo todo em seu meio, que modificam os espaços que habitam, que criam e recriam significados para os espaços todo o tempo.

## CAPÍTULO II

### Expectativa dos jovens após o Ensino Médio e a relação com a escola

A escola é um importante lugar de interação entre os jovens, de formação do aluno enquanto sujeito e do estabelecimento de relações sociais. Para além da transmissão do conteúdo e de um lugar onde se aprende a ler e escrever, a escola também tem o papel de formar cidadãos e de contribuir com suas escolhas futuras. Como afirma Rummert (2003):

Cabe à escola, na especificidade de sua função social, oferecer a eles os elementos necessários para transformar a compreensão heterogênea e fragmentada que possuem, da realidade de si mesmos, e que antecede a qualquer formulação explicativa, em conhecimentos que possibilitem a plena compreensão de si mesmos e do mundo em que vivem. (idem, p.36)

O sistema educacional está estruturado através de um mecanismo de regras e comportamentos pré-estabelecidos e é a partir desses mecanismos que se dá todo o processo de ensino e aprendizagem. A escola está pronta para receber um padrão de aluno e esse padrão envolve aspectos comportamentais, culturais e familiares. Como afirma Bourdieu (2008), cada criança possui uma bagagem diferente que é transmitida por sua família através da *herança cultural*. O que nos leva a acreditar que os alunos não são padronizados, os alunos são de famílias diferentes, meios diferentes e recebem criações diferentes. Tudo isso irá influenciar na trajetória do aluno dentro da instituição de ensino.

Bourdieu (2008) afirma que existe um fator chamado juízo professoral que influencia na trajetória escolar dos alunos. O juízo professoral consiste em ações, espontâneas ou não do professor, que favorecem alguns alunos deixando de lado outros. Esse juízo segue a ideia desse padrão que a escola espera receber. Os alunos favorecidos pelos professores são aqueles que possuem o material em ordem, que fazem todas as tarefas, que se sentam da forma que o professor deseja, que ficam quietos quando é pedido. O que não é levado em consideração é que esses alunos, antes de ir para escola, passaram por diversas experiências, conviveram com diferentes pessoas em seu meio familiar e social e essas vivências influenciam no comportamento e atitudes desse aluno.

Levando isso em consideração, podemos afirmar que a escola tem um trabalho maior com estudantes de origem popular do que com alunos de classes mais favorecidas. Já que, como foi dito anteriormente, cada aluno recebe de sua família uma *herança cultural* que está muito ligada a classe social a qual essa família pertence. Como afirma Nogueira e Nogueira (2002) ter ou não capital cultural influencia diretamente no desempenho escolar

desses alunos. Uma vez que o capital cultural consiste no conjunto de conhecimentos agregados por essas famílias (domínio da língua culta, gosto pela arte, culinária, música).

Segundo Pierre Bourdieu:

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhes possam dar. Eles herdam também saberes e um “savoir-faire”, gostos e um “bom gosto”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. (BOURDIEU, 2008: p. 45)

O que podemos observar no trecho de Bourdieu é que as crianças das classes mais favorecidas dispõem de toda a gama de atitudes e comportamentos julgados pelos professores como “bons” e pela escola como padrão. A maneira como falam, a cultura a que tem acesso, a forma como se comportam influencia no tipo de tratamento que o professor terá com esse aluno. É notório que, visto o meio social em que os estudantes de classe desfavorecida circulam e o meio em que os estudantes de origem mais favorecida circulam, irá se expressar um fator de desigualdade. Se a escola toma isso como padrão, acaba criando um mecanismo de reprodução e essa reprodução se dá de forma “natural”, pois a escola em grande parte baseia-se na existência de um “dom”. Neste contexto os alunos devem chegar apropriados de certos comportamentos e atitudes e os que não chegam são logo vistos como os que não tem dom e não tem muito o que ser investido neles. Vale ressaltar que esse tipo de atitude não está explícito dentro das instituições e muitas vezes toda a comunidade escolar passa por esse mecanismo sem mesmo saber que o fazem, através de uma falsa aparência de neutralidade (Nogueira & Nogueira, 2002).

A herança cultural vinda dos pais é algo a ser levado em consideração quando falamos da entrada de alunos na escola. A escola possui uma cultura dominada por comportamentos, formas de pensar, falar e agir que são vistas como formas corretas que se estabelecem nesse meio. Desse modo, a escola surge como um meio de propagação e perpetuação das desigualdades existentes.

Tomando para si um padrão de alunos, a escola vira uma ferramenta de exclusão e reprodução das desigualdades sociais. A escola acaba deixando de lado a realidade do aluno e favorece um único grupo. A cultura dos alunos de origem popular e a cultura dos alunos de classes mais favorecidas são completamente diferentes. Por vezes o nível de escolarização dos pais é diferente, o acesso à cultura e os tipos de cultura são diferentes. Não há como a escola colocar apenas como padrão música clássica se existem alunos que entendem como cultura

outros ritmos musicais. Nesse sentido, a escola deixa de conhecer seus alunos, deixa de partir da realidade deles e continua trabalhando com um mecanismo de exclusão ou favorecimento de alguns grupos que possuem um determinado nível de capital cultura.

A seguir apresentaremos os resultados coletados na pesquisa no que se refere às expectativas dos estudantes após o término do Ensino Médio. Vale ressaltar que os resultados apresentados nesse capítulo referem-se às questões 12, 13, 14, 16 e 17 do questionário (ver Anexo 1).

Do universo de 158 alunos entrevistados na escola a qual se refere esse estudo monográfico, quando perguntados o que desejam fazer quando concluírem o Ensino Médio, 108 alunos desejam entrar para universidade, 15 pretendem ingressar na carreira militar, 7 desejam estudar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), 11 querem fazer algum curso técnico, 11 pretendem trabalhar, 1 pretende viajar e 5 ainda não decidiram o que que querem fazer.

O que podemos observar com esses dados é que alguns alunos possuem um projeto de futuro estabelecido. A escola faz parte desse projeto de futuro, pois está no caminho e, como disse anteriormente, contribui para as escolhas futuras desses alunos. Como afirma Dayrell (1996):

[...] os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos. (Dayrell, 1996: p. 9)

Mesmo desejando ir para a universidade e tendo a escola como ponte para a realização desse projeto de futuro, 71 alunos afirmam que não acreditam que a escola os prepara para o vestibular, alegando que o conteúdo não é suficiente e que a grade curricular da escola não segue os conteúdos cobrados no Exame Nacional do Ensino Médio. Essa alegação também aparece na fala de alguns alunos que afirmam que a escola prepara adequadamente.

Nesse contexto, vale analisar o papel da escola e se ela realmente está agindo como agente de transformação ou agente de perpetuação do que já está posto. Segundo Bourdieu:

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (Bourdieu, 2008: p. 53)

O sistema escolar pauta suas ações pedagógicas tendo como foco apenas a cultura escolar pré-estabelecida. Dessa forma, o aluno chega com sua bagagem que não é considerada

e com suas lacunas que não são preenchidas. Enquanto isso, a herança cultural recebida antes da escola favorece os das classes mais favorecidas e faz com que os de origem popular continuem ficando para trás.

Existe por trás uma questão a ser analisada. Mesmo os alunos de origem popular desejando ir para universidade, como aponta os dados da pesquisa, os das classes mais favorecidas ainda entram em maior número nesse nível. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Educação Básica 2016 (TPE/Moderna, 2016), em 2014 o percentual de entrada na universidade pública por alunos 25% mais pobres foi de 6,1%, enquanto o de alunos 25% mais ricos foi de 40,4%, como pode ser observado na tabela 1. Não podemos deixar a escola de fora dessa responsabilidade, visto que é nela que os estudantes passam a maior parte do tempo e dedicam seu tempo de estudo na ânsia de ascender no futuro. É evidente que existe um mecanismo de exclusão.

Tabela 1:

### Educação Superior

Porcentagem de matrículas da população de 18 a 24 anos

Taxa líquida de matrículas por renda – Brasil – 2001-2014

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014
Total	9,2	10,1	11,1	10,8	11,5	12,9	13,3	14,0	14,8	14,9	15,5	16,6	17,7
25% mais pobres	0,8	0,8	1,0	0,8	1,3	1,5	2,0	2,5	2,8	3,9	4,1	5,1	6,1
25% a 50%	2,0	2,8	3,5	3,4	4,3	5,3	6,1	6,7	8,0	9,0	9,9	11,9	12,6
50% a 75%	7,6	8,5	10,5	11,2	12,8	14,4	15,4	16,0	18,1	17,3	18,7	19,9	21,0
25% mais ricos	32,3	34,4	37,2	36,5	37,0	41,0	38,9	39,1	40,0	36,7	38,2	39,0	40,4

Fonte: IBGE/Pnad – Elaboração: Todos Pela Educação.

Outro fator que podemos considerar é a auto exclusão desse aluno do processo e acesso. Como mostra a pesquisa, 108 alunos desejam entrar para a universidade assim que concluir o Ensino Médio, 71 afirmam que só a escola não é suficiente para isso, porém 107 alunos não estão fazendo ou nunca fizeram um curso pré-vestibular, que consiste em um curso extracurricular que prepara os alunos para fazerem o Enem ou vestibular. Podemos levar em consideração, para justificar esses dados, o sistema escolar que propaga a desigualdade e não foca no projeto de futuro desses alunos e a influência familiar que não aproxima esses alunos do universo acadêmico ao ponto de fazer com que eles tomem os meios necessários para isso.

Como foi visto no capítulo I, maioria dos estudantes pesquisados não possui pais com Ensino Superior completo. Os alunos tendem a se espelhar nos exemplos que recebem. Se recebem exemplos de pessoas que ascenderam no meio acadêmico, criam uma espécie de inspiração e credibilidade para fazer o mesmo. Se não recebem esse incentivo da família, dos professores ou de outros meios, acabam se inspirando apenas naquilo que veem. Desse modo, podem até vislumbrar um futuro maior, mas não se sentem preparados e aptos para tomar uma decisão, como a de se inscrever no curso pré-vestibular, para alcançar esse sonho.

As relações que o aluno de origem popular estabelece em seu meio são muito importantes. Pode-se dizer que alguns alunos de origem popular possuem pouco ou quase nenhum exemplo de pessoas que são de origem popular e vieram ascender na universidade pública. Falo isso tomando a mim como exemplo, pois durante o meu ensino médio eu pude conviver com colegas de classe que tinham pais universitários e participaram do processo de elaboração de monografia de seus pais enquanto eu cresci em um meio sem nenhuma influência sobre universidade, não tinha a mínima noção do que poderia ser monografia e só vim adquirir essa noção dentro da universidade. O que quero ressaltar é que os meios por onde os indivíduos circulam, as relações que estabelecem no decorrer da formação influenciam no que cada um será futuramente. Precisamos tomar cuidado para não criar aqui a ideia de que todos os jovens que convivem com pais, amigos e familiares universitários irão para a universidade. A universidade não é o único caminho para a ascensão profissional, mas a convivência com esses universitários influenciará na escolha dos caminhos futuros desse jovem.

Novamente toco no papel da escola em trabalhar frente a esse desafio. A escola dispõe de professores que passaram pela universidade, que estiveram em contato direto com o processo de acesso e permanência à universidade. Porém, mesmo assim, 41 alunos dizem não saber como ingressar na universidade. Esse dado vai ao encontro da análise exposta por Heringer (2013) em sua pesquisa realizada na Cidade de Deus. Nota-se que em ambos os casos os alunos não detém muito o conhecimento quando se trata de acesso ao Ensino Superior:

Em relação ao ENEM, a maioria dos estudantes informou conhecer a prova, mas nem todos tinham a informação de que o resultado desta prova determinava as possibilidades de ingresso na maioria das instituições de ensino superior. Ao longo dos grupos focais, alguns perguntaram para que servia o ENEM e se era obrigatório realizá-lo (HERINGER, 2013: p. 23).

O professor precisa cumprir um cronograma e o currículo da escola. O tempo de aula é pouco e os conteúdos a serem passados são muitos. O professor não deixa de conversar com o

seu aluno sobre as formas de acesso e permanência à universidade porque quer, mas sim porque dispõe de pouco tempo para fazê-lo e vem de uma cultura conteudista onde o professor serve para cumprir horários e dar o conteúdo que a escola exige que seja dado. A realidade é que esse tipo de comportamento acaba sendo naturalizado e os professores e alunos acabam seguindo nesse sistema de reprodução de forma “natural” e espontânea. Não quero afirmar aqui que todos agem dessa maneira, mas quero atentar para que todos olhem para o seu trabalho e percebam que alguns agem dessa maneira. É indispensável que o professor esteja sempre se aperfeiçoando, esteja sempre procurando novas informações para que não caia na naturalização desse tipo de prática onde o professor enxerga o aluno apenas como um receptor de conteúdos.

A escola não está dando conta de transmitir o conteúdo necessário para que os alunos passem no vestibular, não desperta de forma homogênea o *insight* para que esses alunos busquem mecanismos que os ajudem a alcançar o objetivo explicitado e não deixam esses alunos seguros para tal. Desse modo, cabe o questionamento: Para que está servindo a escola?

Como afirma Bourdieu (2008):

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tornando a o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertador”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (Bourdieu, 2008: p. 41)

Dessa forma, os mecanismos utilizados pela escola reprodutora das desigualdades sociais nos levam a crer que os rumos que os alunos tomam, sejam eles de “sucesso” ou “fracasso” estão ligados também a maneira como os estudantes conseguem ou não acessar informações importantes sobre como ingressar na universidade.



### Capítulo III

#### Expectativa dos jovens em relação à universidade

A primeira lei sobre as políticas de cotas raciais que surgiu no Rio de Janeiro e entrou em vigor a partir do ano 2002. Em 2000 foram assinadas duas leis: primeiro surgiu a lei n.º. 3524/2000, que reservou 50% das vagas para estudantes egressos da rede pública, e em seguida foi aprovada a lei n.º. 3708/2001, que instituiu cotas de até 40% para negros e pardos. A partir de então, um novo público começou a chegar à universidade. Se antes esse espaço era ocupado pelas elites, a partir dessas leis a universidade começou a receber em maior número um público que antes acessava muito pouco esse espaço.

Diante disso, um novo desafio surgiu para a universidade: o desafio de receber e promover o sucesso de todos esses alunos, visto que desde a implementação das ações afirmativas, houve uma grande diversificação de cursos, público e regiões das quais esse público vem. Ou seja, não há como a universidade se manter a mesma, há a necessidade de se remodelar diante das novas demandas.

A democratização do Ensino Superior está em curso, porém nem todos os problemas foram resolvidos com a implementação das políticas de ações afirmativas, uma vez que os detentores de maior poder aquisitivo ainda são os que entram em maior número nesse espaço. Dados da pesquisa de Heringer (2014), apontam que houve um salto de 10,2% para 35,8% de frequência negros e pardos, ou seja, mais do que o triplo em 2011 em comparação com 2001. Porém a distorção entre a frequência de brancos e a frequência de pretos e pardos ainda é grande. Ainda segundo dados da pesquisa de Heringer (2014), podemos perceber que a presença de estudantes brancos de 18 a 24 anos no ensino superior saltou de 39,6% em 2001 para 65,7% em 2011 se mantendo acima da proporção de estudantes pretos e pardos neste mesmo nível de ensino.

Olhando esses dados, cabe analisarmos se a democratização do Ensino Superior está acontecendo de fato, já que os números apontam para uma distorção entre o ingresso dos diferentes públicos. Cabe analisar os motivos pelos quais isso acontece.

Se antes a universidade estava preparada para receber um público específico dotado de uma determinada herança cultural, agora a universidade se vê diante do desafio de receber um público que não está dentro dos padrões vivenciados durante anos. Porém, o que se vê na

universidade não é uma mudança de postura de modo que esses novos alunos possam ser integrados. O que se vê é uma perpetuação do que funcionava antes. Sendo assim, os novos alunos precisam criar mecanismos para se adaptar perante esse novo ambiente. Como afirma Silva (2011):

A relação de ruptura com o espaço de origem, quando ocorre, se faz comumente de forma definitiva e, em alguns casos, traumática – do ponto de vista psicológico. Isso porque a inserção dos jovens em diferentes campos tem como consequência, inicialmente, a manifestação de uma certa incapacidade de ordenar, no plano subjetivo, as práticas adequadas aos campos específicos. O ingresso e permanência no campo universitário é um bom exemplo desse processo: quando as disposições consideradas *naturais*, no grupo social de origem, deixam de ser percebidas como tais e o que é *natural*, na universidade, ainda não foi incorporado completamente, instala-se o *desenraizamento*. (SILVA, 2011: p. 137)

Analisando o que Silva traz com essa citação, podemos perceber que o processo de aquisição do sentimento de pertencimento e apropriação faz-se necessário não só no período de acesso, mas também para a permanência do estudante origem popular na universidade. Esse *desenraizamento* apontado por Silva acontece porque o estudante de origem popular chega à universidade carregando conhecimentos que não são valorizados nesse espaço. Dessa forma, esses estudantes precisam se apropriar da linguagem, conhecimentos, códigos e metodologias existentes na universidade. Porém, nesse processo de se afastar do lugar de origem e se aproximar do lugar atual, esse estudante acaba se perdendo. Já não é mais reconhecido em seu meio, pois se apropriou de códigos que são diferentes dos que estão lá. Mas também não é reconhecido em seu lugar atual, pois se apropriou dos códigos, mas isso não aconteceu por completo e esse estudante ainda carrega marcas do seu lugar de origem.

A universidade caracteriza-se como um novo desafio para o jovem que não tem o sentimento de pertencimento com esse espaço e conseqüentemente não se apropriou, ainda no

Ensino Médio, dos códigos e condutas requisitados pelas instituições de Ensino Superior.

Muitos alunos entram na universidade sem conhecer muito bem o que são as ações afirmativas, sem conhecer os benefícios aos quais têm direito. Tais como bolsa auxílio, bolsa permanência, auxílio moradia, entre outras políticas de assistências estudantis. Esse aluno chega á universidade precisando ser adaptado e conhecer muitas coisas, porém encontra barreiras, pois muitas vezes essas informações não são compartilhadas com frequência entre o corpo docente e discente. Sem contar o choque que é quando o indivíduo vindo de uma escola pública e de vivências diferentes se depara com a cultura tão própria presente na universidade.

Para ilustrar melhor tais apontamentos, no questionário ao qual se refere o presente estudo monográfico, sugeri aos alunos que supusessem que entraram na universidade pública e imaginassem como seria. As respostas foram das mais diversas, desde visões muitos

otimistas que apontam a universidade como o caminho para o crescimento profissional, até visões que apontam a universidade como um espaço sobrestimado e que está sendo deteriorado por conta da crise econômica e política pela qual passa o país.

Para uma melhor visualização e divisão das mais variadas respostas, optamos por dividir em grupos e subgrupos. O primeiro grupo é o das visões otimistas e dentro desse grupo existem os seguintes subgrupos que indicam o que os alunos esperam encontrar na universidade pública: pessoas inteligentes e maduras, boa infraestrutura, esforço e desafio, um lugar diferente do Ensino Médio, um espaço de inclusão, bons professores, bom ensino, lugar bom e agradável, promessa de futuro.

O segundo grupo corresponde aos alunos que têm uma visão pessimista da universidade e os subgrupos que indicam o que esperam encontrar lá estão divididos da seguinte forma: não tem o curso que deseja, não tem vontade de ir para universidade, a universidade tem muitos alunos brancos, a universidade vai ser igual ao Ensino Médio, a universidade tem muitas greves, não é como falam.

Vale ressaltar que a divisão entre visão otimista e visão pessimista foi feita de acordo com a vontade, ou não, desses alunos irem para universidade. As respostas foram analisadas uma por uma de modo que pudéssemos fazer uma boa distribuição. No questionário, as perguntas foram deixadas em aberto, sem que houvesse múltipla escolha. Optamos por fazer dessa forma para que os alunos pudessem se expressar livremente sem que houvesse influência de algum tipo de pensamento.

A seguir apresentaremos duas tabelas para expor os grupos, os subgrupos e a quantidade de alunos que expusera cada resposta. Ressalto ainda que essas respostas são referentes à questão 15 do questionário.

### Visões positivas

Pessoas inteligentes e maduras	14
Boa infraestrutura	2
Esforço e desafios	6
Um lugar diferente do Ensino Médio	5
Um espaço de inclusão	3
Bons professores	19
Bom ensino	31
Lugar bom e agradável	5
Promessa de futuro	20
<b>Total: 105</b>	

### Visões negativas

Não tem a opção de curso que deseja	2
Não tem desejo de ir para universidade pública	4
A universidade tem muitos alunos brancos	1
A universidade é igual ao Ensino Médio	3
A universidade tem muitas greves	4
Não é como falam	2
<b>Total: 16</b>	

Sem resposta / Indefinido / Não sabe responder	14
Não respondeu	23
<b>Total: 37</b>	

Analisando os dados podemos observar que maioria dos alunos – um total de 105 – tem uma visão otimista em relação à universidade. Esse dado vai de encontro ao dado apresentado no capítulo II que diz respeito ao desejo dos alunos de irem pra universidade. Uma vez que a maioria deseja ingressar no curso superior, é de se esperar que a maioria tenha uma visão positiva desse espaço. Significa que enxergam na universidade uma esperança, enxergam algo que vá favorecê-los.

Entre as respostas otimistas, ficou evidente que os alunos enxergam na universidade um lugar de ascensão, um lugar que serve como porta de entrada para o sucesso profissional. A seguir, apresentaremos algumas respostas que mostram como alguns alunos demonstram essa expectativa.

*Eu não imagino como seja, mas seria uma experiência de aprendizagem ótima e de peso no meu currículo (Mulher, 19 anos).*

*Um ensino de qualidade e uma boa apresentação ao mercado de trabalho (Mulher, 18 anos).*

*Oportunidade de um futuro melhor com ensino de qualidade (Mulher, 19 anos).*

*Ensino de qualidade, pessoas em busca de seus objetivos e além do mais ter a certeza que vou mudar de vida e alcançar uma certa estabilidade financeira (Mulher, 20 anos).*

Esses relatos são uma amostra de como os estudantes estão colocando na universidade a esperança de ter um futuro melhor. Eles valorizam esse espaço e acreditam que através dele alcançarão lugares de sucesso no que se refere à vida profissional.

Do outro lado estão os alunos que enxergam esse mesmo espaço de forma oposta. Alguns evidenciam a baixa qualidade de ensino, a infraestrutura comprometida e o grande número de greves que as universidades enfrentam justamente pelos motivos citados

anteriormente. Além disso, evidenciam também que a faculdade não é tão boa quanto dizem ser. Seguem alguns relatos que ilustram essas colocações:

*Muita greve e poucas aulas, imagino que não seja bom* (Homem, 18 anos).

*Apesar de estar estudando o que realmente gosto, tenho noção que a partir daquele momento irei estudar muito e serão anos muito difíceis. A faculdade não será algo “maravilhoso” 100% como muitos dizem* (Mulher, 18 anos).

*Espero que tenha aula, sem greves* (Homem, 19 anos).

Entre os alunos que se posicionam de forma positiva e os que se posicionam de forma negativa, existem os que mais chamaram a atenção no presente estudo: os que deixaram a resposta em branco ou não souberam responder. Os primeiros dois grupos representam um posicionamento quando perguntados sobre universidade, já o último grupo não tem essa percepção definida, ou pelo menos não evidenciaram na pesquisa.

O que podemos analisar é que, como disse anteriormente, a universidade possui uma gama de códigos e condutas próprios do espaço. Os alunos que imaginam como esse espaço é evidenciam que sabem algo sobre o lugar ao qual querem alcançar. Desse modo, o choque inicial de entrada em um ambiente tão diferente pode ser diminuído. Já os alunos que não demonstram conhecimento sobre o espaço que estão entrando, podem ter uma maior dificuldade e ter um choque inicial grande diante das diferenças e da cultura universitária.

O que acontece com esses estudantes ao entrarem no Ensino Superior é o que Coulon (1995) chama de afiliação. O conceito de afiliação consiste no fato do estudante realizar tarefas de cunho acadêmico sem estranhamente, ou seja, de forma automática. Para alguns estudantes que detêm um habitus acadêmico adquirido anteriormente a entrada no Ensino Superior, essa afiliação se dá de forma “natural”. Já com os estudantes que não adquirem esse habitus acadêmico ainda na escola, esse processo de afiliação é um pouco mais demorado e muitas vezes traumático. Podemos analisar trazendo os dados dos questionários referentes ao presente estudo. Uma vez que a maioria dos estudantes tem uma visão otimista da vida acadêmica, alguns relatam a universidade como um sonho até um pouco utópico. Ao se depararem com alguma dificuldade esses alunos podem vir a desfazer dessa ideia de faculdade como um lugar perfeito e traçar um longo caminho até que o processo de afiliação esteja completo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho permitiu analisar como está sendo desenvolvido o sentimento de pertencimento dos jovens do Ensino Médio para com a universidade pública. Além disso, os questionários utilizados na pesquisa de campo permitiram traçar o perfil dos alunos trazendo questões sobre idade, cor, se a trajetória escolar foi em escola pública ou particular, com o objetivo de conhecer o aluno ao qual o presente estudo se refere. Os questionários permitiram também conhecer as expectativas desses alunos quando o assunto se refere ao que fazer após o Ensino Médio e também nos permitiu observar como os alunos percebem a universidade pública e as visões que têm desse espaço.

Trazendo nos questionários perguntas que davam margem para os entrevistados responderem da maneira que desejaram possibilitou atingir os objetivos de verificar como os estudantes estão enxergando a universidade mesmo com todos os percalços enfatizados durante a pesquisa, como esses jovens retratam a possibilidade de entrar ou não na universidade e permitiu ainda analisar como está o sentimento de pertencimento dos alunos frente a esse espaço.

Analisando esses dados, senti a necessidade de perceber mais de perto se os estudantes enxergam desigualdades, como as enxergam e como lidam ou pretendem lidar com elas.

Acredito que esse possa ser um questionamento presente em uma pesquisa futura. Tal pesquisa pode se desenvolver a fim de aprofundar o tema e discutir de forma mais abrangente.

Como o universo da pesquisa é composto majoritariamente por pessoas que estudaram a maior parte do tempo em escola pública, observamos que a maioria deles quer entrar para universidade e que não estão cursando ou nunca cursaram um curso pré-vestibular. Os estudantes estão enxergando a universidade como um caminho possível em suas trajetórias de vida.

Notamos ainda que um número expressivo de estudantes não acredita na escola para concluírem seu objetivo de ir para universidade e também um número expressivo não conhece as formas de acesso e permanência nesse espaço.

Evidenciamos também, com a análise dos questionários, que quando se trata de visão sobre universidade, os jovens do universo da pesquisa, enxergam, majoritariamente, a universidade como a porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional. Eles depositam na universidade a esperança de encontrar algo diferente do que encontram atualmente na escola e acreditam que esse espaço é o lugar que irá definir o prosseguimento que darão no futuro.



Nesse sentido, o tema aqui tratado torna-se de extrema relevância tanto no âmbito pessoal como no âmbito acadêmico, uma vez que nos deparamos com uma problemática: estudantes que querem ir para universidade, mas encontram em seus caminhos dificuldades. Esses estudantes desejam ir para universidade, mas não sabem como. Ou desejam ir para universidade, não acreditam na escola para chegar nesse objetivo e não estão em um curso pré-vestibular para dar o apoio pedagógico que a escola, segundo alguns deles, não oferece. É necessário que o tema seja estudado e compartilhado no sentido de evidenciar o problema e buscar soluções.

Outro problema aqui encontrado é o fato de alguns alunos não saberem como ingressar na universidade e não ouvirem essas informações de seus professores. Frente a isso, os estudos e ações efetivas visando à entrada de estudantes no Ensino Superior partindo desde o Ensino Médio ganha uma grande importância. Já que as universidades configuram espaços elitistas e de difícil acesso quando se trata de estudantes de escola pública e de estudantes que não detêm um determinado tipo de herança cultural.

Uma vez que o espaço torna-se de difícil acesso do ponto de vista financeiro e, muitas vezes geográfico, precisamos trabalhar como o sentimento de pertencimento é suscitado, facilitando a entrada do jovem de origem popular na universidade; diminuindo o choque por parte dos estudantes com a vida acadêmica. Acredito que a ação de produzir estudos como este, pode levar a comunidade acadêmica a discutir dentro e fora da universidade esse assunto. Tais discussões elevam o nível de conhecimento em relação ao tema e podem trazer, para o campo em análise, novas formas de lidar com as problemáticas tanto no campo educacional quanto no campo das políticas públicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLINI, Alexandre. **Universidade em Transformação: Diversidade e Democracia.** In: *Reforma do Ensino Superior e Extensão Universitária.* OLIVEIRA, José Barbosa de. (Orgs.). Rio de Janeiro: Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: NOGUEIRA, M. CATANI, A.(Orgs.) *Escritos de Educação.* 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Método científico e hierarquia social dos objetos.** In: NOGUEIRA, M. CATANI, A.(Orgs.) *Escritos de Educação.* 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os excluídos do interior.** In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Alfredo (Orgs.). *Escritos de Educação.* Petrópolis:Vozes, 10 ed., 2008, p 217-228.

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva.** Revista Brasileira de Educação – ANPED – n.24 – 2003.

COULON, A. **Etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Etnometodologia e educação.** Petrópolis: Vozes, 1995b.

DAYRELL, Juarez. **Os significados da escola de Ensino Médio para os jovens alunos.** Revista de Debates – Mandato Vereador Arinaldo Godoy (PT). Ano X – nº 7 – Belo Horizonte – Agosto de 2011.

\_\_\_\_\_. **O aluno do Ensino Médio: o jovem desconhecido.** In: *Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio.* Salto Para o Futuro. Ano XIX boletim 18, Novembro/2009.

\_\_\_\_\_. **A escola como espaço sociocultural.** In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura.* Belo Horizonte: UFMG, 1996.

GABRIEL, Carmen Teresa; MOEHLECKE, Sabrina. **Conexões de Saberes: uma outra visão sobre o ensino superior,** In: *Revista de Contemporânea de Educação.*,v.1 p.3, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estratégias para a permanência de EUOPS na UFRJ: a experiência do Projeto Conexões de Saberes.** Revista Extensão na UFRJ, 0, Junho 2011: 40-44.

HERINGER, Rosana. **Um Balanço de 10 Anos de Políticas de Ação Afirmativa no Brasil,** 2014.

\_\_\_\_\_.Rosana. **Expectativas de acesso ao ensino superior: Um estudo de caso na Cidade de Deus, Rio de Janeiro.** 1ª edição. Edição do autor. Rio de Janeiro, 2013.

MOEHLECKE, Sabrina. **Ação Afirmativa: História e Debates no Brasil.** Cadernos de Pesquisa, n. 117, novembro/ 2002.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições.** Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

RUMMERT, Sonia Maria. **Princípios e especificidades a serem considerados numa proposta para EJA.** Versão ampliada da palestra proferida na abertura do Primeiro Encontro Municipal de Educação de Jovens e Adultos do Município de Niterói. Niterói - RJ, 2003.

SANTOS, Patrícia; GABRIEL, Carmem Teresa. **Extensão, conhecimento e formação acadêmica: Articulações em meio a processos de democratização universitária.** In: *Educação e Diversidade em diferentes contextos.* PEREIRA. Amilcar & COSTA, Warley (Org.) Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014 (no prelo).

SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade.** 7 Letras, Rio de Janeiro, 2003.

VASCONCELOS, Elisa Mendes. **Pertencimento e identidade: discutindo o acesso e a permanência de estudantes de origem popular no ensino superior.** In: *Educação e Diversidade em diferentes contextos.* PEREIRA. Amilcar & COSTA, Warley (Org.) Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014 ( no prelo).

ZLUHAN, Mara Regina e RAITAZ, Tânia Regina. **Um estudo com jovens: transição do Ensino Médio ao Ensino Superior.** X ANPED SUL, Florianópolis, outubro, 2014.

**ANEXO****Anexo I****UFRJ**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Faculdade de Educação**

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa “Influência, pertencimento e apropriação: a universidade segundo alunos secundaristas e de origem popular” sob responsabilidade da pesquisadora Stephany Cruz dos Santos. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa.

- 1- Idade:\_\_\_\_\_ 2- Sexo:\_\_\_\_\_
- 3- Cor:\_\_\_\_\_ 4- Bairro onde mora:\_\_\_\_\_
- 5- Escolaridade da mãe:\_\_\_\_\_
- 6- Escolaridade do pai:\_\_\_\_\_
- 7- Número de pessoas que moram na sua casa (incluindo você):\_\_\_\_\_
- 8- Renda familiar: ( ) Até um salário mínimo e meio  
( ) Mais de um salário mínimo e meio
- 9- Você tem acesso a internet? Se sim, em média quanto tempo você usa?

---

10- Em que lugar e por qual dispositivo você acessa a internet?

---

11- Estudou sempre em escola pública? Se não, diga quanto tempo estudou em escola particular:

12- Está fazendo ou já fez curso pré-vestibular? \_\_\_\_\_

13- O que você pretende fazer quando terminar o Ensino Médio?

---

---

14- Você considera que sua escola te prepara para passar no vestibular? Por quê?

---

---

15- Suponha que você entre na universidade pública. O que você espera ou acredita que irá encontrar lá? Como você imagina que seja?

---

---

16- Você sabe como ingressar na universidade? Em caso de sim, explique.

---

---

17- Existe algum familiar seu que já foi ou está na universidade? Se sim, qual grau de parentesco?

---

---

Obrigada por participar!